Diversitas Journal
ISSN 2525-5215
Volume 11, Número 4 (Out./Dez. 2026) p. 001 – 019
https://diversitasjournal.com.br/diversitas_journal

Art and voices from the periphery: Rap, Education, and the Production of Counter-Narratives

Arte e vozes periféricas: rap, educação e produção de contranarrativas

SILVA FILHO, Mauro Sérgio da[1]; MONTALVÃO NETO, Alberto Lopo[2]

[1] 0009-0006-4117-4711; Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Uberaba, Minas Gerais (MG), Brasil.
E-mail: prof.maurofilho03@gmail.com.
[2] 0000-0002-4875-646X; Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Uberaba, Minas Gerais (MG), Brasil.
E-mail: alberto.montalvao@uftm.edu.br.

O conteúdo expresso neste artigo é de inteira responsabilidade dos/as seus/as autores/as.

A B S T R A C T

This article analyzes Brazilian academic literature on the use of rap as a pedagogical resource, focusing on its relationship with history education, anti-racist education, and decolonial perspectives. It is a qualitative study of a bibliographic nature, based on a survey of scientific articles published between 2016 and 2026. Searches across various databases resulted in the selection of 11 articles that formed the analysis corpus. The studies were organized into three categories: rap as a pedagogical resource in history education; rap, anti-racist education, and ethnic-racial relations; and rap, decoloniality, peripheral knowledge, and the production of counter-narratives. The results indicate that rap is being utilized as a source, a language, and a cultural practice capable of bridging the gap between school knowledge and students' experiences, fostering discussions on racism, and valuing historically marginalized knowledge and narratives. The analysis further highlights that its pedagogical potential depends on mediation within the school setting and that there remain gaps in the literature regarding high school education and the integration of rap, history education, and decolonial perspectives.

R E S U M O

Este artigo analisa a produção acadêmica brasileira sobre a utilização do rap como recurso pedagógico, com atenção às suas relações com o ensino de História, a educação antirracista e as perspectivas decoloniais. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de natureza bibliográfica, realizada a partir do levantamento de artigos científicos publicados entre os anos de 2016 e 2026. As buscas foram realizadas em diferentes bases de dados, resultando na seleção de 11 artigos que compuseram o corpus da análise. Os estudos foram organizados em três categorias: rap como recurso pedagógico no ensino de História; rap, educação antirracista e relações étnico-raciais; e rap, decolonialidade, saberes periféricos e produção de contranarrativas. Os resultados indicam que o rap vem sendo mobilizado como fonte, linguagem e prática cultural capaz de aproximar conhecimentos escolares das experiências dos estudantes, favorecer discussões sobre racismo e valorizar saberes e narrativas historicamente marginalizados. A análise evidencia, ainda, que seu potencial pedagógico depende das mediações realizadas no espaço escolar e que permanecem lacunas na produção voltada ao Ensino Médio e à articulação entre rap, ensino de História e perspectivas decoloniais.

INFORMAÇÕES DO ARTIGO

Histórico do Artigo:
Submetido: 16/10/2026
Aprovado: 07/11/2026
Publicação: 19/11/2026

CC BY

Keywords:
Eliterature review, history teaching, decoloniality.

Palavras-Chave:
revisão de literatura, ensino de história, decolonialidade.

DOI: 10.48017/dj.v11i4.4239

Introdução

Paulo Freire afirma que "Ninguém começa lendo a palavra, porque antes da palavra, o que a gente tem para ler, à disposição da gente, é o mundo" (Freire, 2021). Nesse sentido, o rap pode ser compreendido como uma expressão dessa leitura do mundo, na medida em que suas letras elaboram e comunicam percepções sobre experiências, conflitos, desigualdades e relações sociais. Mais do que uma manifestação estritamente musical, constitui uma prática cultural por meio da qual sujeitos e grupos sociais produzem e compartilham interpretações acerca da realidade em que estão inseridos (Camargos, 2015).

No Brasil, essa dimensão social do rap relaciona-se às transformações políticas, econômicas e sociais vivenciadas sobretudo pelas populações das periferias urbanas. Roberto Camargos, ao discutir sua trajetória no país, caracteriza o rap como "filho bastardo da arte" (Camargos, 2015, p. 12), destacando a sua posição marginalizada em determinados espaços de legitimação cultural. Durante o processo de redemocratização, especialmente nas últimas décadas do século XX, o rap consolidou-se como forma de expressão de grupos historicamente marginalizados, abordando questões relacionadas à desigualdade social, à violência e às condições de vida nas periferias. Suas letras podem, portanto, ser analisadas como produções culturais que permitem acessar determinadas experiências e perspectivas históricas, embora, como ressalta Camargos (2015, p. 26), não devam ser tomadas "[...] como fatos e verdades incontestáveis do passado". Trata-se, assim, de compreendê-las como produções que registram, interpretam e problematizam experiências sociais a partir de perspectivas situadas.

Esse caráter cultural e social também permite compreender o rap como espaço de elaboração e circulação de saberes, memórias e experiências, ampliando suas possibilidades para além da dimensão musical. No campo educacional, essa característica pode favorecer aproximações entre os conhecimentos produzidos nas experiências cotidianas dos estudantes e os processos formais de ensino e aprendizagem. Nesse sentido, pesquisas brasileiras têm investigado o rap como recurso pedagógico, linguagem para abordagem de conteúdos curriculares e possibilidade de aproximação entre os conhecimentos escolares e as experiências socioculturais dos estudantes. Oliveira (2020), por exemplo, compreende o rap como recurso pedagógico transdisciplinar, destacando suas possibilidades para o trabalho com diferentes áreas do conhecimento. No ensino de História, pesquisas e relatos de experiência também têm discutido sua utilização para abordar conteúdos históricos, cultura, memória e experiências sociais, como evidenciado pelos estudos de Lambert e Souto (2018) sobre o potencial do Rap como ferramenta de reflexão e inovação na prática docente.

Essa discussão assume particular relevância quando articulada à Educação para as Relações Étnico-Raciais (ERER), sobretudo diante da necessidade de efetivação da Lei nº 10.639/2003 (Brasil, 2003). Nesse contexto, o rap pode constituir uma possibilidade de inserção de referências culturais negras e periféricas no espaço escolar, contribuindo para problematizar formas de representação, desigualdades raciais e processos históricos de marginalização. Pesquisas recentes (Avelino, 2024; Pires, 2024) têm relacionado a cultura Hip Hop e o ensino de História a perspectivas antirracistas e à implementação da Lei nº 10.639/03, evidenciando possibilidades de utilização dessas expressões culturais em práticas curriculares. Experiências realizadas no Ensino Fundamental (Jorge, 2016), bem como outras vivências na educação pública (Tejera; Siqueira Junior, 2025), também têm articulado o rap à valorização da cultura negra, à educação antirracista e à construção de práticas pedagógicas culturalmente relevantes.

Ao mesmo tempo, a utilização do rap na educação não deve ser compreendida apenas como estratégia para tornar as aulas mais atrativas, pois os estudos analisados o apresentam como linguagem, prática cultural e produção de conhecimento. Sua presença no espaço escolar, portanto, envolve a possibilidade de problematizar conhecimentos, experiências e formas de representação social. É nessa conjuntura que se insere a presente revisão bibliográfica.

Entendemos que, embora a utilização do rap em práticas educativas venha sendo objeto de diferentes estudos, ainda é necessário compreender de que maneira essa produção acadêmica tem caracterizado suas possibilidades pedagógicas e quais dimensões têm recebido maior atenção. Assim, mais do que reunir trabalhos que utilizam o rap em atividades escolares, interessa compreender as aproximações e especificidades presentes nessa produção, especialmente no que se refere ao ensino de História, à educação antirracista, às relações étnico-raciais e às perspectivas decoloniais.

Diante disso, este artigo parte da seguinte questão: como a produção acadêmica brasileira, publicada entre 2016 e 2026, tem abordado o rap como recurso pedagógico no ensino, especialmente em suas relações com o ensino de História, a educação antirracista e as perspectivas decoloniais?

O objetivo geral consiste em analisar a produção acadêmica brasileira publicada entre 2016 e 2026 sobre a utilização do rap em práticas pedagógicas, identificando as principais abordagens, possibilidades e tendências presentes nesses estudos. Especificamente, busca-se: a) identificar como o rap é mobilizado como recurso pedagógico; b) analisar as relações estabelecidas entre rap, ensino de História e educação para as relações étnico-raciais; e c) discutir a presença de perspectivas relacionadas à decolonialidade, aos saberes periféricos e à produção de contranarrativas.

Para alcançar esses objetivos, foi realizado um levantamento de artigos científicos publicados em língua portuguesa entre 2016 e 2026, selecionados a partir de sua relação com o rap e práticas de ensino. Foram considerados estudos desenvolvidos tanto no Ensino Fundamental quanto no Ensino Médio, em razão da quantidade mais restrita de pesquisas especificamente direcionadas ao Ensino Médio, ampliando-se, assim, o corpus sem perder de vista o objeto central da investigação. A análise dos trabalhos selecionados possibilitou a organização da produção em três categorias temáticas, discutidas na seção de Resultados e Discussões.

Arte e vozes periféricas

O rap, enquanto manifestação da cultura Hip Hop, constitui uma forma de expressão cultural relacionada a experiências sociais, territoriais e políticas de populações negras e periféricas. Sua linguagem articula música, oralidade, poesia, memória e crítica social, possibilitando a elaboração e circulação de narrativas sobre experiências individuais e coletivas. Nesse sentido, Camargos (2015, p. 15) observa que, ao "[...] descerem ao rés do chão histórico em que pisam", os sujeitos do rap "[...] bebem nas fontes da experiência e do cotidiano", evidenciando a relação entre essa produção cultural e as experiências concretas dos sujeitos.

Essa dimensão aproxima o rap de uma concepção de educação que reconhece os sujeitos e suas experiências como elementos relevantes do processo educativo. Para Freire (2019), a educação pressupõe diálogo com a realidade dos educandos e possibilita a problematização das condições concretas nas quais estão inseridos. Gomes (2003), por sua vez, ao discutir educação, identidade negra e formação de professores, evidencia a importância de considerar as relações raciais e os processos de construção da identidade no espaço educativo. Nessa perspectiva, manifestações culturais presentes nas experiências dos estudantes podem constituir possibilidades de diálogo entre conhecimento escolar e realidade social.

Entre outros autores que abordam a questão, Oliveira (2020) aponta possibilidades de utilização do rap como recurso pedagógico em diferentes áreas e níveis de ensino, enquanto Teperman (2015) contribui para compreendê-lo como prática cultural vinculada a sujeitos, territórios e formas específicas de produção e circulação de discursos. Sua utilização pedagógica depende das mediações realizadas.

Essa questão torna-se particularmente relevante quando o rap é mobilizado no ensino de História. Suas letras podem abordar acontecimentos, memórias, conflitos, desigualdades e experiências de diferentes grupos sociais, constituindo linguagens por meio das quais os estudantes podem estabelecer relações entre passado e presente. Nesse viés, Lambert e Souto (2018), ao discutirem o rap no âmbito da formação docente, destacam possibilidades de

utilização dessa linguagem para a reflexão sobre a realidade social e sobre a prática educativa. Avelino (2024), por sua vez, destaca as potencialidades do rap para o ensino de História em uma perspectiva de educação antirracista, ressaltando a incorporação da música à historiografia como recurso capaz de contribuir para novas compreensões de diferentes contextos sociais e culturais (Avelino, 2024).

Essa aproximação também se relaciona às demandas da Educação para as Relações Étnico-Raciais, especialmente após a promulgação da Lei nº 10.639/2003. A incorporação do rap ao ensino de História pode ampliar as fontes e linguagens mobilizadas em sala de aula e favorecer a discussão de experiências negras e periféricas que nem sempre ocupam posição central nas narrativas escolares. Isso não significa substituir o conhecimento histórico sistematizado pelo rap, mas ampliar as possibilidades de construção do conhecimento histórico por meio da articulação entre diferentes fontes, linguagens e perspectivas.

A discussão sobre quais sujeitos, experiências e conhecimentos são reconhecidos como legítimos no currículo aproxima o debate sobre rap e ensino de História das perspectivas decoloniais. Quijano (2005) compreende a colonialidade como a permanência de estruturas de poder e classificação social produzidas no processo colonial, que ultrapassam o período formal da colonização. Ao discutir o novo padrão de poder mundial, o autor afirma que a Europa concentrou sob sua hegemonia o controle da subjetividade, da cultura e, especialmente, do conhecimento e da produção do conhecimento (Quijano, 2005). Essa formulação permite problematizar não apenas quais conhecimentos são ensinados, mas também quais sujeitos e formas de produção de conhecimento são reconhecidos como legítimos no espaço escolar.

Nesse sentido, Miranda e Riasco (2016) discutem as pedagogias decoloniais e a interculturalidade como possibilidades de enfrentamento de processos históricos de subalternização e de construção de práticas educativas antirracistas. A perspectiva decolonial contribui, assim, para deslocar a discussão do simples uso de uma manifestação cultural para a análise das relações de poder que atravessam a produção, a legitimação e a circulação dos conhecimentos. É nesse horizonte que o rap pode ser compreendido como uma linguagem capaz de produzir e fazer circular narrativas construídas a partir de experiências, territórios e sujeitos historicamente marginalizados.

A noção de contranarrativa torna-se, nesse contexto, relevante para compreender esse movimento. O conceito permite pensar a produção de narrativas que questionam perspectivas hegemônicas, atuando com uma "especificidade contra-hegemônica, que primeiro desconstrói e depois reinterpreta e constrói uma narrativa diferente do discurso dominante" (Reis, 2012, p. 25). Dessa forma, a contranarrativa incorpora experiências, memórias e interpretações de sujeitos historicamente subalternizados. A partir dessa perspectiva, o rap pode constituir um

espaço de expressão de experiências negras e periféricas e, quando articulado a práticas pedagógicas críticas, contribuir para problematizar narrativas historicamente naturalizadas.

Desse modo, a literatura utilizada compreende o rap como prática cultural e linguagem social, relacionando-o às possibilidades de diálogo entre experiência e educação e, posteriormente, ao ensino de História, à educação antirracista e às discussões sobre colonialidade e produção de contranarrativas. Seu potencial pedagógico não reside simplesmente em sua presença na escola, mas nas possibilidades de leitura crítica, contextualização e produção de conhecimento construídas a partir dele. É a partir dessa compreensão que a presente revisão bibliográfica analisa os estudos selecionados sobre rap e ensino, buscando identificar as suas contribuições e os diferentes sentidos atribuídos à utilização dessa linguagem no campo educacional.

Metodologia

O percurso metodológico deste estudo articula-se ao desenvolvimento de uma pesquisa de mestrado em andamento. Como etapa teórica e exploratória dessa investigação mais ampla, o presente texto caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa de natureza bibliográfica, desenvolvida a partir da análise de artigos científicos que abordam a utilização do rap em contextos pedagógicos.

A opção pela abordagem qualitativa está relacionada ao objetivo de compreender tendências, aproximações, enfoques e possibilidades presentes na produção acadêmica selecionada, considerando os sentidos atribuídos ao rap enquanto recurso pedagógico e prática cultural. Nesse sentido, a pesquisa bibliográfica mostra-se adequada ao propósito deste estudo, uma vez que, segundo Gil "[...] a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos" (Gil, 2008, p. 44).

O corpus da pesquisa foi delimitado a partir de critérios previamente estabelecidos. Foram considerados exclusivamente artigos científicos publicados entre 2016 e 2026, em língua portuguesa, que apresentassem relação explícita entre o rap e práticas de ensino ou aprendizagem em contextos pedagógicos, sobretudo aquelas vinculadas ao ensino de História. Foram excluídos trabalhos que abordassem o rap exclusivamente em sua dimensão musical, artística ou sociológica, sem estabelecer relação com processos educativos. Também foram desconsiderados trabalhos que não correspondessem aos níveis e contextos educacionais definidos para a revisão ou que apresentassem duplicidade em relação a estudos localizados em outras bases.

No levantamento, abrangemos diferentes etapas da Educação Básica. É importante destacar que, embora o objeto central da pesquisa de mestrado esteja direcionado ao Ensino Médio, a presente revisão também incorporou artigos que tratam sobre o Ensino Fundamental. Essa decisão metodológica ocorreu em razão da quantidade mais restrita de estudos

especificamente voltados ao Ensino Médio no corpus localizado. A inclusão desses trabalhos possibilitou não apenas suprir essa lacuna, mas ampliar a compreensão das estratégias pedagógicas utilizadas com o rap, identificando tendências que atravessam as diferentes etapas da Educação Básica e que servirão de alicerce para a continuidade da dissertação.

As buscas bibliográficas foram realizadas nas bases *SciELO*, Educ@, OasisBR, *Web of Science, Scopus*, *JSTOR*, Google Acadêmico e Portal de Periódicos CAPES. Para a localização dos estudos, foram utilizados os descritores "Rap", "Ensino de História", "Educação Antirracista" e "Decolonialidade", empregados de forma combinada, considerando as possibilidades de busca disponibilizadas por cada base. As combinações dos termos foram utilizadas com o objetivo de localizar produções acadêmicas que articulassem o rap ao ensino, especialmente ao Ensino de História, à educação antirracista e às perspectivas decoloniais. O levantamento bibliográfico foi realizado ao longo dos meses de agosto e setembro, contemplando trabalhos publicados entre o ano de 2016 à agosto de 2026.

Inicialmente, foram identificados 509 trabalhos, distribuídos entre as plataformas consultadas: 22 na *SciELO*, 1 na Educ@, 94 na OasisBR, 5 na *Web of Science,* 11 na *Scopus*, 1 na *JSTOR* e 375 no Google Acadêmico. Para refinar esse montante e chegar ao corpus de análise, os trabalhos passaram por um processo sistemático de filtragem. Inicialmente, realizou-se a exclusão das publicações duplicadas entre as bases de dados. Em seguida, procedeu-se à leitura atenta dos títulos e resumos para descartar as pesquisas que não correspondiam à temática ou que abordavam o rap exclusivamente em sua dimensão musical, artística e sociológica, sem vínculo educativo. Os textos que atenderam a essa triagem preliminar foram baixados e selecionados para leitura na íntegra. Durante essa leitura completa, excluíram-se definitivamente os estudos que não se alinhavam ao recorte da pesquisa, como aqueles voltados exclusivamente ao ensino superior.

A partir desse processo de refinamento, foram selecionados 11 artigos para compor o corpus final da revisão, sendo 4 provenientes da *SciELO*, 2 da OasisBR, 1 da *Web of Science* e 4 do Google Acadêmico. O resultado localizado na Educ@ correspondia a um artigo já identificado em outro periódico, enquanto os trabalhos encontrados na *Scopus* não foram incorporados ao *corpus* por não corresponderem aos critérios estabelecidos ou por apresentarem duplicidade com artigos localizados em outras bases. O trabalho identificado na *JSTOR* também foi excluído por tratar do ensino superior, não correspondendo ao recorte da presente investigação. Desse modo, finalizada a etapa de elegibilidade, consolidou-se um *corpus* analítico de 11 artigos científicos, que foram submetidos à leitura e análise. Os artigos selecionados são apresentados abaixo na Tabela 1.

Tabela 1.

Artigos que compõem o corpus da pesquisa.

Autor(es)	Ano	Título	Base de localização
Florindo Fernandes; Martins; Paulino	2016	Rap nacional: a juventude negra e a experiência poético-musical em sala de aula	SciELO
Jorge, Marcos	2016	Ação pedagógica de prevenção às práticas racistas na escola: a percepção sobre racismo entre estudantes do sexto ano do Ensino Fundamental	SciELO
Santos Martins, Matheus	2023	Desafios e contribuições do rap para uma prática docente plural e decolonial em História	Google Acadêmico
Pires, Regis Alves	2024	Historiando através do Hip Hop no cotidiano das aulas de História: contribuições para aplicação da Lei nº 10.639/03 na Educação Básica	Google Acadêmico
Silva; Rocha Damasceno	2024	Prática docente e o reconhecimento da vivência periférica no ensino de história por meio do rap e do funk: uma proposta de ensino-aprendizagem	SciELO
Vieira et al.	2024	O RAP como meio transformador na educação: tematizando rap em uma escola pública do município do Rio de Janeiro	SciELO
Oliveira; Moreno	2021	Rap feminino e educação popular: uma proposta para a aula de história	Google Acadêmico
Santos; Peralta	2021	Socioeducação e direito à fabulação: dos sentidos sociais do rap	OasisBR
Paim; Gonzaga	2025	O Rap na Experiência de Fazer-se Docente de História	OasisBR
Silva et al.	2025	Ouça-me! Rap e Poesia de Rua no Contexto Escolar	Google Acadêmico
Tejera; Siqueira Junior	2025	Rap e duelo de rima na escola: experiências com base na pedagogia Hip Hop	Web of Science

Nota: Elaborado pelos autores (2026), a partir do levantamento bibliográfico realizado.

Na próxima seção, apresentamos uma análise descritiva e interpretativa sobre o corpus, elencando três categorias emergentes a partir da leitura e interpretação dos artigos selecionados.

Resultados e discussões

A análise dos 11 artigos selecionados permitiu identificar diferentes formas de compreensão e utilização do rap no campo educacional, particularmente em sua relação com o ensino de História, a educação antirracista e a valorização de saberes e narrativas produzidos por sujeitos historicamente marginalizados. Embora os trabalhos apresentem objetos, contextos escolares e procedimentos metodológicos distintos, observa-se uma convergência em torno da compreensão do rap como uma manifestação cultural que pode ultrapassar a dimensão do entretenimento e assumir funções pedagógicas, formativas e sociais.

A organização dos estudos em três categorias analíticas possibilita observar diferentes dimensões dessa utilização. A primeira concentra-se no rap como recurso pedagógico e na ampliação das possibilidades metodológicas do ensino de História; a segunda reúne trabalhos que enfatizam a educação antirracista e as relações étnico-raciais; e a terceira articula o rap à decolonialidade, aos saberes periféricos e à produção de contranarrativas. Essas dimensões não são completamente separadas, mas permitem destacar diferentes ênfases presentes no conjunto da literatura analisada.

Rap como recurso pedagógico no Ensino de História

A primeira categoria reúne trabalhos, a exemplo das investigações conduzidas por Florindo Fernandes, Martins e Paulino (2016), Jorge (2016) e Silva e Rocha Damasceno (2024), que enfatizam as possibilidades de utilização do rap e de manifestações musicais próximas à cultura jovem como recursos para o desenvolvimento de práticas pedagógicas no ensino de História. Nesses estudos, a principal questão não está inicialmente na utilização do rap como conteúdo histórico específico, mas na possibilidade de ampliar as linguagens, fontes e estratégias mobilizadas pelo professor para estabelecer relações entre os conteúdos escolares e as experiências sociais dos estudantes.

Essa perspectiva pode ser observada no estudo de Silva e Rocha Damasceno (2024). O trabalho apresenta propostas de ensino que reconhecem o rap e o funk como fontes musicais para as aulas de História, fundamentando-se em uma perspectiva de ensino dialógica inspirada em Paulo Freire. O argumento parte do reconhecimento de que esses gêneros são comumente construídos e consumidos por jovens das periferias e, ao mesmo tempo, frequentemente discriminados socialmente.

O aspecto mais significativo do estudo de Silva e Rocha Damasceno (2024), para esta categoria, está na compreensão da música como possibilidade de estabelecer um diálogo direto entre o conhecimento escolar e as experiências dos estudantes. A utilização do rap e do funk, nesse sentido, não é apresentada apenas como uma estratégia para tornar a aula mais atrativa, mas como uma forma de aproximar o processo de aprendizagem do universo social e cultural no qual os estudantes estão inseridos. Por sua vez, essa pesquisa aproxima-se do trabalho de Florindo Fernandes, Martins e Paulino (2016), o qual também enfatiza que o "reconhecimento da cosmovisão dos estudantes pode favorecer a construção de um diálogo pedagógico capaz de promover uma releitura de sua realidade, legitimando os seus saberes no processo de ensino" (Silva; Rocha Damasceno, 2024, p. 215).

Essa aproximação também aparece na pesquisa de Jorge (2016). Embora o estudo esteja diretamente relacionado à discussão do racismo, sua experiência pedagógica evidencia, para esta categoria, a importância da utilização de manifestações culturais próximas aos estudantes como mediadoras do processo educativo. As atividades desenvolvidas na disciplina de História mobilizaram músicas em ritmo de rap e funk para discutir o racismo e a cultura africana e afro-brasileira.

Os resultados relatados indicam que a participação dos estudantes foi particularmente significativa quando as atividades se estruturaram a partir de manifestações culturais próximas de seu cotidiano, aspecto também identificado por Jorge (2016, p. 86), ao observar que "[...] a participação dos alunos foi ativa com muito entusiasmo, principalmente quando as atividades se estruturavam em torno de manifestações culturais". Esse dado evidencia que a aproximação entre cultura juvenil e conhecimento escolar pode favorecer a participação dos estudantes e criar condições para que temas históricos e sociais sejam discutidos a partir de linguagens com as quais eles possuem familiaridade. Ao mesmo tempo, o estudo demonstra que essa aproximação pode produzir discussões que ultrapassam o tema inicialmente proposto, uma vez que os estudantes relacionaram o racismo a outras experiências de preconceito presentes em seu cotidiano.

A música passa, assim, a ser compreendida como um material que pode ser analisado, interpretado e problematizado pedagogicamente, estabelecendo relações entre manifestações culturais e processos históricos e sociais. Apresenta-se, assim, uma característica comum aos estudos analisados: a utilização do rap não é justificada exclusivamente por sua proximidade com os interesses dos jovens. Sua potencialidade pedagógica decorre da possibilidade de transformar uma manifestação cultural presente no cotidiano dos estudantes em objeto de análise, reflexão e produção de conhecimento escolar. Essa perspectiva encontra respaldo em Camargos (2015), para quem as produções do rap constituem formas pelas quais jovens expressam suas experiências e leituras de mundo, uma vez que suas letras versam sobre o cotidiano e sobre situações e vivências individuais e coletivas, exprimindo diferentes formas

de relação com a sociedade (Camargos, 2015, p. 61). Distinção que evita reduzir o rap a uma estratégia meramente motivacional ou recreativa.

Ao mesmo tempo, esses estudos evidenciam que a incorporação do rap às práticas educativas implica uma ampliação da própria concepção de fonte e linguagem no ensino de História. A presença da música na sala de aula permite trabalhar não apenas informações sobre o passado, mas também discursos, experiências, identidades e interpretações produzidas por diferentes sujeitos sociais. Nesse sentido, a utilização pedagógica do rap pode contribuir para aproximar o conhecimento histórico sistematizado das experiências concretas dos estudantes. Como observa Camargos (2015, p. 15), os *rappers* "[...] bebem nas fontes da experiência e do cotidiano", indicando que essas produções culturais se constituem a partir das realidades sociais vivenciadas por seus produtores.

Entretanto, os trabalhos dessa primeira categoria também indicam que essa potencialidade metodológica não está dissociada de questões sociais e políticas. O rap é utilizado como recurso pedagógico justamente porque carrega experiências e discursos que permitem problematizar questões presentes na sociedade. Dessa forma, a dimensão metodológica identificada nesta categoria constitui uma porta de entrada para questões que serão aprofundadas na categoria a seguir.

Rap, educação antirracista e relações étnico-raciais

A segunda categoria congrega estudos, como os de Pires (2024), Silva et al. (2025), Tejera e Siqueira Junior (2025) e Vieira et al. (2024), que articulam a utilização pedagógica do rap às discussões sobre racismo, diversidade, relações étnico-raciais e valorização da cultura negra e periférica. Mais do que apresentar o rap como suporte para a transmissão de conteúdos sobre essas temáticas, os trabalhos analisados convergem ao compreendê-lo como uma linguagem capaz de aproximar o espaço escolar das experiências sociais e culturais dos estudantes, criando possibilidades de escuta, expressão e problematização das relações que atravessam seu cotidiano.

Essa aproximação entre cultura, experiência e educação aparece de maneira significativa em diferentes propostas analisadas. No estudo de Silva et al. (2025), a utilização do Rap e da Poesia de Rua possibilitou discussões que ultrapassaram os marcadores sociais inicialmente trabalhados, permitindo que os estudantes estabelecessem relações entre suas próprias vivências e as situações presentes nas produções culturais utilizadas na oficina. Como destacam Silva et al. (2025, p. 11-12), "a oficina 'Ouça-Me!' a partir do Rap e Poesia de Rua trouxe críticas, reflexões, desconstrução", reforçando a aproximação entre a realidade vivenciada pelos estudantes da rede pública e aquela representada nas músicas e poesias. O rap, nesse sentido, aparece como uma linguagem por meio da qual experiências sociais concretas podem ingressar no espaço escolar e tornar-se objeto de reflexão.

Essa valorização das experiências dos estudantes também se aproxima dos resultados apresentados por Tejera e Siqueira Junior (2025), ao discutirem experiências pedagógicas fundamentadas na pedagogia Hip Hop. Para os autores, essa perspectiva possibilita valorizar a experiência de vida dos estudantes e a cultura popular periférica, contribuindo para a autoestima de grupos historicamente excluídos. Há, portanto, uma convergência entre os estudos no sentido de que o caráter antirracista dessas práticas não decorre apenas dos temas abordados, mas também do reconhecimento dos sujeitos e dos repertórios culturais que tradicionalmente ocupam posições marginalizadas no currículo escolar. O rap passa a operar, assim, não somente como objeto de estudo, mas como uma forma de expressão e produção de sentidos dentro da escola.

A dimensão da escuta e da participação é aprofundada na pesquisa de Vieira et al. (2024). Ao desenvolver práticas pedagógicas dialógicas, o estudo possibilitou a leitura compartilhada, as discussões coletivas e a articulação dos versos trabalhados com as experiências pessoais dos estudantes. Vieira et al. (2024, p. 15) destacam que esse processo permitiu aos estudantes "interpretarem os versos da poesia de forma ativa", estabelecendo conexões com suas próprias experiências. A aproximação entre esse trabalho e os estudos anteriormente mencionados permite perceber que a presença do rap na escola ganha maior potencial quando associada a práticas que não apenas apresentam uma produção cultural aos estudantes, mas os colocam em condição de interlocutores e sujeitos da atividade pedagógica.

Essa dimensão participativa também aparece no trabalho de Pires (2024), que articula o Hip Hop ao ensino de História e à implementação da Lei nº 10.639/03. Pires (2024, p. 5) destaca a possibilidade de os estudantes conhecerem o continente africano por meio de letras antirracistas produzidas por sujeitos vinculados ao movimento Hip Hop e, a partir disso, produzirem narrativas nesse gênero musical, "[...] que faz com que possamos reconstruir essa África no nosso cotidiano". Nesse sentido, o rap pode contribuir para ampliar as formas de abordagem da história e da cultura africana e afro-brasileira, aproximando esses conhecimentos das experiências e linguagens presentes no cotidiano dos estudantes.

A aproximação entre esses estudos permite identificar, portanto, um movimento que vai da valorização da experiência à escuta e à participação dos estudantes. Embora as estratégias metodológicas sejam distintas (oficinas, grupos focais, batalhas de rima, práticas dialógicas e propostas vinculadas ao ensino de História), os trabalhos convergem ao reconhecer que manifestações culturais negras e periféricas podem criar condições para que questões relacionadas ao racismo e às desigualdades sejam discutidas a partir dos sujeitos, de suas experiências e de seus repertórios culturais. A educação antirracista, nessa perspectiva, não se reduz à inserção de conteúdos sobre a população negra no currículo, mas envolve também a criação de espaços de expressão, diálogo e reconhecimento.

Essa discussão é particularmente relevante para o ensino de História, pois o rap pode permitir aproximações às relações étnico-raciais, bem como de experiências e produções

culturais do presente, estabelecendo conexões com processos históricos de racialização, desigualdade e resistência. Nesse sentido, sua utilização pode contribuir para ampliar as formas de abordagem da história e da cultura africana e afro-brasileira, para além de perspectivas centradas exclusivamente na escravidão.

Em conjunto, os estudos analisados evidenciam que o rap pode constituir um espaço de escuta, valorização cultural e problematização das relações raciais. Entretanto, ainda há espaço para aprofundar como essas possibilidades podem ser articuladas ao ensino de História, especialmente na construção de práticas que relacionem as experiências dos estudantes, a cultura negra e periférica e a educação para as relações étnico-raciais.

Rap, decolonialidade e produção de contranarrativas

A terceira categoria desloca a análise para uma dimensão epistemológica a partir das contribuições de Oliveira e Moreno (2021), Paim e Gonzaga (2025), Santos Martins (2023) e Santos e Peralta (2021), analisando não apenas o que pode ser discutido por meio do rap, mas quais conhecimentos, narrativas e sujeitos passam a ser reconhecidos como legítimos quando essa manifestação cultural é incorporada ao ensino de História. Os estudos reunidos nesta categoria permitem problematizar a seleção e a hierarquização dos conhecimentos escolares, especialmente diante da presença de saberes negros, periféricos e populares em espaços historicamente marcados pela predominância eurocêntrica na produção do conhecimento.

O estudo de Santos e Peralta (2021) contribui para essa discussão ao apresentar uma experiência desenvolvida com adolescentes em cumprimento de medidas socioeducativas. Por meio de oficinas de rap, o estudo analisa as produções dos participantes e seus sentidos sociais, relacionando-as a experiências de desigualdade, marginalização e cerceamento do imaginário. Mais do que compreender essas produções apenas como expressão de experiências individuais, o trabalho permite reconhecer que sujeitos situados em contextos de marginalização também produzem interpretações sobre a realidade social a partir de seus próprios repertórios. Essa dimensão é evidenciada pelos autores ao destacarem que “o imaginário possibilita estabelecer conexões entre a experiência individual e as condições estruturais de desigualdade social” (Santos; Peralta, 2021, p. 564).

A discussão sobre autoria e representação ganha centralidade nos trabalhos de Oliveira e Moreno (2021) e de Santos Martins (2023). O primeiro articula produções de intérpretes negras e periféricas a referenciais da decolonialidade, do feminismo negro e da Educação Popular, enquanto o segundo questiona a invisibilização das narrativas de grupos colonizados e propõe o uso de fontes alternativas no ensino de História. No estudo de Oliveira e Moreno (2021), essa perspectiva aparece associada à compreensão da “decolonialidade como possibilidade de construção de novos saberes e de reconhecimento das mulheres, especialmente das mulheres negras, como sujeitos políticos centrais da história e da cultura”

(Oliveira; Moreno, 2021, p. 5). Em conjunto, os estudos permitem deslocar a discussão da simples inclusão de conteúdos para a reflexão sobre quem produz as narrativas utilizadas para interpretar a experiência histórica e quais fontes são reconhecidas como legítimas no espaço escolar.

Essa problemática também aparece na pesquisa de Paim e Gonzaga (2025), que discute a exclusão dos saberes das periferias das pesquisas acadêmicas, das matrizes curriculares e das instituições escolares. A partir dos relatos de professores e de elementos da história oral, o trabalho evidencia diferentes formas de incorporação do rap às práticas docentes. Sua contribuição para esta categoria está na compreensão da periferia não apenas como espaço sobre o qual se produz conhecimento, mas também como espaço produtor de saberes. Essa compreensão aproxima-se da perspectiva apresentada por Paim e Gonzaga (2025), que defendem pensar o rap como uma pedagogia decolonial e como uma forma de considerar "saberes outros" e "pedagogias outras", para além de sua utilização como ferramenta de sala de aula (Paim; Gonzaga, 2025, p. 136-137). O rap, nessa perspectiva, deixa de ocupar uma posição exclusivamente instrumental e passa a ser considerado parte de um repertório cultural por meio do qual sujeitos periféricos interpretam sua realidade e elaboram conhecimentos sobre suas experiências sociais.

A partir desses estudos, a noção de contranarrativa (Reis, 2012) torna-se pertinente para compreender o papel do rap no ensino de História. As produções analisadas podem ser compreendidas como "narrativas" que tensionam perspectivas hegemônicas ao ampliar os sujeitos, experiências e interpretações considerados na construção do conhecimento histórico. A própria legitimidade do rap para o ensino de História pode ser relacionada à possibilidade de compreender como grupos sociais específicos, especialmente aqueles vinculados às classes populares, representam a realidade em que estão inseridos (Santos Martins, 2023, p. 47). A contranarrativa, nesse sentido, não precisa ser entendida como substituição de uma narrativa por outra, mas como possibilidade de questionar a existência de uma única perspectiva legítima sobre determinado processo histórico.

Essa dimensão aproxima-se da perspectiva decolonial porque envolve questionar as relações de poder que atravessam a produção, seleção e legitimação do conhecimento histórico escolar. Nesse sentido, a interculturalidade crítica proposta por Walsh (2009) questiona processos de racialização, subalternização e inferiorização, ao mesmo tempo em que busca visibilizar diferentes formas de ser, viver e saber e construir "modos outros" de pensar, aprender e ensinar (Walsh, 2009, p. 25). Incorporar o rap ao ensino de História pode significar, portanto, mais do que ampliar o repertório de fontes: pode abrir espaço para que produções culturais negras e periféricas sejam reconhecidas como formas de interpretação da realidade, de elaboração da memória e de produção de conhecimento.

Ao mesmo tempo, a revisão indica que os estudos analisados estão concentrados principalmente em experiências pedagógicas, propostas de utilização do rap e reflexões sobre

seu potencial decolonial. Permanece, assim, a necessidade de aprofundar como esses deslocamentos podem ser construídos concretamente nas práticas de ensino de História e percebidos pelos estudantes.

Considerações Finais

Este artigo teve como objetivo central analisar a produção acadêmica brasileira, publicada entre 2016 e 2026, sobre a utilização do rap em práticas pedagógicas, identificando suas principais abordagens, possibilidades e tendências, com foco nas suas relações com o ensino de História, a educação antirracista e as perspectivas decoloniais. A análise da produção acadêmica selecionada permitiu identificar, categorizar e problematizar como o rap vem sendo incorporado às discussões educacionais brasileiras, atuando como uma potente possibilidade de aproximação entre práticas culturais juvenis e processos de ensino e aprendizagem. Os estudos analisados apresentam diferentes formas de mobilização dessa manifestação cultural, evidenciando o seu uso como recurso pedagógico em distintos contextos da educação básica.

No ensino de História, o rap pode constituir fonte, linguagem e recurso para a problematização de conteúdos históricos e sociais, aproximando os conhecimentos escolares das experiências dos estudantes. Nesse sentido, sua legitimidade para o ensino de História também se relaciona à possibilidade de compreender como grupos sociais, especialmente das classes populares, representam a realidade em que estão inseridos, além de evidenciar relações entre o uso pedagógico do rap, a educação antirracista e a implementação da Lei nº 10.639/03, especialmente em discussões sobre identidade, cultura negra, racismo e valorização de experiências historicamente marginalizadas.

Apesar dessas potencialidades, o levantamento dá indícios de lacunas na produção analisada: enquanto são recorrentes os estudos que demonstram possibilidades didáticas do rap, sua articulação mais sistemática com o ensino de História, a perspectiva decolonial e a construção de contranarrativas ainda aparece de forma menos consolidada. Essa lacuna é particularmente relevante para pesquisas que buscam compreender o rap não apenas como recurso metodológico, mas como possibilidade de mediação de práticas pedagógicas voltadas à Educação para as Relações Étnico-Raciais e à problematização de narrativas historicamente legitimadas no espaço escolar.

Evidencia-se a necessidade de evitar uma compreensão essencializada ou automática do rap como uma prática necessariamente decolonial e emancipatória. O seu potencial educativo depende, fundamentalmente, das mediações pedagógicas realizadas, da seleção das produções, do contexto de sua elaboração e da forma como seus conteúdos são problematizados. Quando inserido criticamente no espaço escolar, o rap passa a tensionar narrativas hegemônicas e a ampliar o reconhecimento de diferentes saberes e experiências.

Ademais, a presença reduzida de estudos especificamente voltados ao Ensino Médio no corpus analisado reforça a urgência de ampliar as investigações sobre as particularidades do trabalho com essa linguagem nessa etapa da educação.

Dessa forma, a revisão permitiu situar a pesquisa diante do conhecimento já produzido e identificar possibilidades de aprofundamento. O desafio não consiste apenas em demonstrar que o rap pode ser utilizado pedagogicamente, mas em compreender como sua inserção no ensino de História pode contribuir para práticas comprometidas com a educação antirracista, a valorização de saberes historicamente subalternizados e a construção de contranarrativas. Nesse sentido, a pesquisa de mestrado que fundamenta este estudo buscará aprofundar as relações entre rap, ensino de História, Educação para as Relações Étnico-Raciais e perspectiva decolonial, investigando suas possibilidades como mediação para outras formas de leitura e interpretação do conhecimento histórico.

Declaração ética

Este estudo foi conduzido em conformidade com os princípios éticos aplicáveis à pesquisa científica. A participação dos respondentes ocorreu de forma voluntária, mediante consentimento livre e esclarecido, sendo garantidos o anonimato, a confidencialidade dos dados e o direito de desistência a qualquer momento. Todas as fontes utilizadas foram devidamente citadas, assegurando a integridade acadêmica e o respeito às normas de ética em pesquisa.

Declaração de conflito de interesses

Os autores afirmam que não possuem quaisquer interesses financeiros, comerciais, pessoais ou acadêmicos que possam ter influenciado os resultados ou a interpretação deste manuscrito.

Declaração de uso de inteligência artificial

Ferramentas de inteligência artificial generativa foram utilizadas exclusivamente para tarefas de edição linguística, padronização de referências e aprimoramento da clareza textual. As ferramentas não foram empregadas para gerar ideias, hipóteses, interpretações, análises, resultados ou conclusões científicas. Os autores confirmam que o manuscrito não contém conteúdo fabricado, manipulado ou produzido integralmente por IA, e que todas as informações foram verificadas manualmente. Os autores assumem total responsabilidade ética e científica pelo conteúdo final.

REFERÊNCIAS

Avelino, J. (2024). *Rap para o ensino de história: Potencialidades para uma educação antirracista* [Rap for history teaching: Potentials for an anti-racist education] [Trabalho de Conclusão de Curso, Universidade Federal de Sergipe]. Universidade Federal de Sergipe. https://ri.ufs.br/jspui/handle/riufs/19976

Brasil. (2003). *Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003* [Law No. 10,639 of January 9, 2003]. Diário Oficial da União.

Camargos, R. (2015). *Rap e política: Percepções da vida social brasileira* [Rap and politics: Perceptions of Brazilian social life]. Boitempo.

Fernandes, A. C. F., Martins, R., & Oliveira, R. P. de. (2016). Rap nacional: A juventude negra e a experiência poético-musical em sala de aula [Brazilian rap: Black youth and the poetic-musical experience in the classroom]. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, 64*, 183–200. https://doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i64p183-200

Freire, P. (2019). *Pedagogia do oprimido* [Pedagogy of the oppressed] (91ª ed.). Paz e Terra.

Freire, P. (2021). 100 anos de Paulo Freire: Ler o mundo antes das palavras [100 years of Paulo Freire: Reading the world before words]. *Revista Educação*. https://revistaeducacao.com.br/2021/03/17/paulo-freire-100-anos/

Gil, A. C. (2008). *Como elaborar projetos de pesquisa* [How to prepare research projects] (6ª ed.). Atlas.

Gomes, N. L. (2003). Educação, identidade negra e formação de professores/as: Um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo [Education, Black identity and teacher education: A look at the Black body and curly hair]. *Educação e Pesquisa, 29*(1), 167–182. https://doi.org/10.1590/S1517-97022003000100012

Jorge, M. (2016). Ação pedagógica de prevenção às práticas racistas na escola: A percepção sobre racismo entre estudantes do sexto ano do Ensino Fundamental [Pedagogical action to prevent racist practices in school: Perceptions of racism among sixth-grade students]. *Revista Educação, Artes e Inclusão, 12*(3), 86–100. https://www.revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/pt_BR/article/view/7974

Lambert, R. A., & Souto, B. F. (2018). RAPensando a formação docente: Experiências e reflexões sobre o uso do RAP no ensino de história [RAP-thinking teacher education: Experiences and reflections on the use of rap in history teaching]. *Caderno Pesquisa do CDHIS, 31*(1), 254–277.

Miranda, C., & Riasco, F. M. Q. (2016). Pedagogias decoloniais e interculturalidade: Desafios para uma agenda educacional antirracista [Decolonial pedagogies and interculturality: Challenges for an anti-racist educational agenda]. *Educação em Foco, 21*(3), 545–572.

Oliveira, C. J. (2020). Rap: Recurso pedagógico para um ensino transdisciplinar [Rap: A pedagogical resource for transdisciplinary teaching]. *Papéis: Revista do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens, 21*(42), 19–37.

Oliveira, T., & Moreno, J. (2021). Rap feminino e educação popular: Uma proposta para a aula de história [Female rap and popular education: A proposal for the history classroom]. In *XII Encontro Perspectivas do Ensino de História: Anais eletrônicos* [12th Perspectives on History Teaching Conference: Electronic proceedings]. https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/85527490/RAP_FEMININO_E_EDUCACAO_POPULAR-libre.pdf

Paim, E. A., & Gonzaga, L. E. (2025). O rap na experiência de fazer-se docente de história [Rap in the experience of becoming a history teacher]. *Diálogos Decoloniais, 2*, 130–148. https://revistasandalo.com/index.php/revista/article/view/27

Pires, R. A. (2024). *Historiando através do Hip Hop no cotidiano das aulas de História: Contribuições para aplicação da Lei nº 10.639/03 na Educação Básica* [Doing history through Hip Hop in everyday history classes: Contributions to the implementation of Law No. 10,639/03 in Basic Education]. In *XIX Encontro Estadual de História da ANPUH-CE: Anais* [19th ANPUH-CE State History Meeting: Proceedings]. FAEC/UECE. https://www.uece.br/eventos/anaiseehanpuhce/trabalhos_completos/1262-6124-07102024-195531.pdf

Quijano, A. (2005). Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina [Coloniality of power, Eurocentrism and Latin America]. In E. Lander (Org.), *A colonialidade do saber: Eurocentrismo e ciências sociais* [The coloniality of knowledge: Eurocentrism and social sciences]. CLACSO.

Reis, M. L. M. (2012). *Diáspora como movimento social: A Red de Mujeres Afrolatinoamericanas, Afrocaribeñas y de la Diaspora e as políticas de combate do racismo numa perspectiva transnacional* [Diaspora as a social movement: The Network of Afro-Latin American, Afro-Caribbean and Diaspora Women and anti-racism policies from a transnational perspective] [Tese de doutorado, Universidade Federal de Santa Catarina]. Universidade Federal de Santa Catarina. https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/100761

Santos, P. da S., & Peralta, N. (2021). Socioeducação e direito à fabulação: Dos sentidos sociais do rap [Socioeducation and the right to fabulation: The social meanings of rap]. *Dilemas: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social, 14*(2), 557–578. https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=563867113011

Santos Martins, M. (2023). Desafios e contribuições do rap para uma prática docente plural e decolonial em História [Challenges and contributions of rap to a plural and decolonial history teaching practice]. *Revista Caliandra, 2*(2), 46–60. https://anpuhgoias.com.br/revista/index.php/caliandra/article/view/31

Silva, J. J. da, Silva, T. M. da C. e, Araújo, M. L. B. de, Silveira, M. I. C. M. da, & Stein, F. (2025). Ouça-me! Rap e poesia de rua no contexto escolar [Listen to me! Rap and street poetry in the school context]. *Movimento, 31*, e31026. https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/144135

Silva, L. B., & Rocha Damasceno, V. (2024). Prática docente e o reconhecimento da vivência periférica no ensino de história por meio do rap e do funk: Uma proposta de ensino-aprendizagem [Teaching practice and recognition of peripheral experiences in history teaching through rap and funk: A teaching-learning proposal]. *Das Amazônias, 7*(2), 213–232. https://periodicos.ufac.br/index.php/amazonicas/article/view/7472

Tejera, D. B. O., & Siqueira Junior, K. G. de. (2025). Rap e duelo de rima na escola: Experiências com base na pedagogia hip hop [Rap and freestyle battles at school: Experiences based on Hip Hop pedagogy]. *Educação e Pesquisa, 51*, e288408. https://doi.org/10.1590/S1678-4634202551288408por

Teperman, R. (2015). *Se liga no som: As transformações do rap no Brasil* [Tune into the sound: Transformations of rap in Brazil]. Claro Enigma.

Vieira, J. J., Vieira, M. A. D., Gorni, R. M., Santos, N. da S. dos, Santos, N. da S. dos, Medeiros, C. A. da P., & Peixoto, S. dos S. (2024). O RAP como meio transformador na educação: Tematizando rap em uma escola pública do município do Rio de Janeiro [Rap as a transformative tool in education: Discussing rap in a public school in the municipality of Rio de Janeiro]. *Nuances: Estudos sobre Educação, 35*, e024020. https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/10810

Walsh, C. (2009). Interculturalidade crítica e pedagogia decolonial: In-surgir, re-existir e re-viver [Critical interculturality and decolonial pedagogy: Insurging, re-existing, and re-living]. In V. M. Candau (Org.), *Educação intercultural na América Latina: Entre concepções, tensões e propostas* [Intercultural education in Latin America: Between conceptions, tensions and proposals]. 7 Letras.

Disponibilidade de dados

Os dados que fundamentam os resultados desta pesquisa estão integralmente contidos no próprio artigo.

Editores responsáveis

Dr. Joseph Reylan Viray

Dr. José Crisólogo de Sales Silva